

## RESENHA

### Sociologia das crises políticas: a dinâmica das mobilizações multissetoriais

**DOBRY, Michel. *Sociologia das crises políticas: a dinâmica das mobilizações multissetoriais*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.**

**Gustavo Paccelli <sup>1</sup>**

Michel Dobry é professor do Departamento de ciência política da Sorbonne na França. Sua obra se enveredou por distintos âmbitos das ciências sociais com contribuições acerca dos processos de fundamentação teórica e metodológica referente à Sociologia das Crises Políticas (SCP). Para o autor, as crises políticas são momentos excepcionais que estão na ordem do dia. Entretanto, ao interpretá-las o mesmo rema contra a corrente dada pelo senso comum e pelas presunções analíticas de que as crises políticas são momentos de ruptura ou de quebra do curso durável das coisas. Neste sentido, compreende que as crises políticas são fenômenos que possuem certa afinidade com os momentos rotineiros da vida social. São momentos compartilhados por um conjunto de atores em setores estratégicos que mobilizam, no decorrer das conjunturas fluídas, um conjunto de ações. Sua empreitada está em retirar da interpretação das conjunturas políticas a visão de fenômenos puramente patológicos – que irrompem à cena social – e entender que a dinâmica das mobilizações multissetoriais é feita por aquilo que se passa nelas. Assim, no lugar de analisar as crises políticas como o desenvolvimento de

fatores externos ou exógenos, Dobry dirige o foco de sua atenção ao evento em si, ao curso singular da contingência e ao encadeamento dos acontecimentos, deixando de lado o que precede a esses momentos de incerteza, apostando, por fim, no fato de que a maior plasticidade das relações sociais, característica destes fenômenos, está imbricada em um processo constante de rearranjo das relações de força. Com efeito, nos processos de crises políticas os atores mobilizam recursos na busca de viabilizar os seus objetivos, recursos que compreendem conflitos e acordos de mobilização e cooperação.

Seu livro é organizado em oito capítulos. A primeira parte que compreende os capítulos 1 e 2 o autor faz uma revisão e crítica e sumária de toda teoria mobilizada para pensar o fenômeno das crises políticas. A segunda parte, encerrada nos capítulos 3 a 8, esboça-se a teoria da SCP juntamente com um conjunto de conceitos e exemplos reais de operacionalidade da teoria. Apresentaremos, a seguir, a construção de toda a argumentação do autor apresentando suas ideias e conduzindo-as em torno dos seus principais conceitos.

No desenvolvimento de uma teoria da

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

SCP, Dobry se envereda em uma crítica aos principais modelos de análise dos momentos de crise política. Sua primeira crítica se dirige aos modelos de causalidade encerrados na *Teoria da Ilusão Etiológica* e no modelo da *Teoria da Curva em J*. Aquela, tende a explicar os fenômenos de crise sob suas *causas*, adotando uma postura que se reduz à identificação de fatores, variáveis, ou de fenômenos situados a montante dos fenômenos ou eventos a explicar. Esta, por sua vez, tende a jogar o conjunto da explicação de uma crise sobre as motivações dos indivíduos ou grupos que vão entrar em ação. Isto é, ao explicar os fenômenos de crise política, a *Teoria da curva em J* estabelece uma relação entre as expectativas (a satisfação esperada de certas necessidades) e a realidade vivida (a satisfação real dessas necessidades) em um modelo mensurável, no qual indica como centro das mobilizações uma escalada das esperanças ao longo de um período seguida por seu brusco desmoronamento. De acordo com Dobry, o problema nessas duas abordagens é que enquanto a perspectiva *etiológica* restringe consideravelmente o espaço de relações de causalidade mobilizáveis para a explicação dos processos de crise, a abordagem da *curva em J* entra na busca eterna por uma discrepância qualquer não especificada entre as aspirações e satisfações reais, criando um horizonte de frustração ao vislumbrá-las em domínios da vida social ou em outros tipos de transformações conjunturais.

As outras duas abordagens as quais Dobry dirige sua crítica são a *Ilusão da História Natural* e a *Ilusão Heroica*. Para Dobry, a primeira investigação propõe estabelecer uma *marcha da história* por meio de uma ideia de *fenômeno-efeito*. Isto é, restituir o encadeamento particular

de diversas etapas que levam a um tipo dado de resultado. De acordo com o autor, a utilização de uma *lógica do método regressivo*, por meio de uma causalidade de fatores e um encadeamento de fatos, reifica o recorte que é dado à realidade nos momentos em que as crises ocorrem, criando obstáculos para uma abordagem comparativa ao elencar determinados fatos que justifiquem a existência ou não de um processo de crise política. Neste sentido, a ambição última da história natural consiste em mostrar que o processo estudado, desde o seu nascimento, é dotado de uma substância ou de uma essência que se encontra no resultado ao qual ele chega e que se orienta justamente no curso de sua direção.

A segunda investigação, a *Ilusão Heroica*, procede da ideia de que os períodos de crise política se opõem às *conjunturas rotineiras* ou estáveis à medida que aquelas mais do que estas se valem de uma análise decisional, a qual privilegia a escolha e a ação de indivíduos ou de grupos. À essa abordagem Dobry dirige sua crítica ao Grupo de Stanford e aos autores da Teoria do Processo Político<sup>3</sup>. Para Dobry, o problema enfrentado pelo Grupo de Stanford está na ambição de recortar períodos reificando as estruturas em torno da alocação dos bens políticos e sua relação com a dinâmica da ação. Mudanças nas estruturas promovem transformações socioeconômicas as quais permitem a abertura de espaços onde agentes da mobilização da demanda se mobilizam. Neste sentido, de acordo com o autor, a *teoria das coalizões*, às custas da noção de *janelas de oportunidades*, encara o fenômeno das crises políticas enquanto momentos nos quais os sistemas se encontram sempre com relativa instabilidade. O caráter

2 A *Teoria da curva em J*, utilizada por James Davies, visa, a princípio, explicar as revoluções, e sua proposição central enuncia aquilo que Davies considera ser uma generalização de certas intuições tomadas de empréstimo de Tocqueville e de Marx (DOBRY, 2014, p. 57-59).

3 A Teoria do Processo Político, desenvolvida por Charles Tilly, é um tipo de abordagem na teoria da ação coletiva que tende a entender os processos de mobilização através de uma relação entre os mecanismos causais que engendram uma crise juntamente com as *estruturas de mobilização* e as *oportunidades políticas* exploradas pelos atores ou grupos durante esses momentos de crise. Para o Grupo de Stanford os componentes nas fases de crises políticas se entrelaçam em torno de processos internos e externos, característicos do ambiente e do desempenho da política, que promovem uma fase de *sincronização* provocando transformações socioeconômicas que permitem a mobilização social com seus subsequentes processos de *dessincronização*, *ruptura* e *ressincronização* (DOBRY, 2014, p. 76). Ver também: MCADAM, D; TARROW, S. TILLY, C. Dynamics of Contentious. Cambridge University Press, Cambridge, 2004; TARROW, S. O Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

comparativo desses momentos concebe os sistemas sociais, em sua forma rotineira, em termos de um *equilíbrio homeostático*, onde a fase de atualização e sincronização que desemboca numa crise atualiza a estrutura em um ambiente relativamente diferente do anterior, mas que se utiliza do mesmo instrumento de referência antes concebido. O que não fica claro para Dobry é: as crises políticas, os períodos de sublevações sociais não são marcados justamente por uma instabilidade, uma evanescência, uma fluidez das relações sociais de tal forma que os termos *estrutura* seria deslocado? Esse uso não supõe, se seguimos a maior parte das abordagens que solicitam a noção de estrutura, uma repetição, uma recorrência, uma estabilidade no tempo das relações sociais de que se *extrairiam* os traços estruturais? Sua crítica, advém do fato de que nas crises políticas o instrumento de referência muda a cada fase da crise e, necessariamente, caber-nos-ia, todas as vezes que tentarmos restituir a lógica dessas situações, centrar a pesquisa não sobre as estruturas, mas sim sobre as ações e as decisões dos atores (DOBRY, 2014, p. 81).

Para Dobry, a aparição possível, o surgimento brusco de grupos sociais ou atores coletivos nos períodos de crise política intensa e, às vezes, o desaparecimento repentino destes parecem, se definir, de início, com relação aos *eventos* e são definidos por eles, isto é, pela própria crise política. A existência, na maior parte dos sistemas sociais modernos, de uma multiplicidade de esferas ou campos sociais diferenciados, inextricavelmente emaranhados e, ao mesmo tempo, mais ou menos autônomos entre si, constitui o fato estrutural fundamental para a inteligibilidade dos processos de crise política. Entretanto, os traços que explicitam como os setores podem ser sensíveis às mobilizações setoriais são moldadas, trabalhadas e transformadas por uma *historicidade* bem mais caótica e bem menos *funcional*. De acordo com o autor, no caso de emergência de mobilizações setoriais estamos lidando com um potente fator de coordenação *tácita*. Isto é, a diversidade própria às lógicas setoriais fazem com que estes setores se apresentem à observação como

*zonas limitadas de interdependência tática dos atores onde setores e arenas* se comportam de forma semelhante independente do momento, mas que a diferença é dada pelo lugar de troca. Para o autor, para entendermos as dimensões fundamentais das chamadas *transformações de estado* devemos recusar o chamado *realismo da estrutura*, nos termos de Bourdieu<sup>4</sup>, atentando-se para o reconhecimento da *plasticidade estrutural* dos sistemas complexos a fim de destrinchar o lugar teórico e empírico da fluidez política.

Com efeito, em Dobry, as *conjunturas fluídas* são caracterizadas por um processo de *dessetorização conjuntural do espaço social*. De acordo com o autor, esse processo é marcado por: 1) uma *redução da autonomia* dos setores em que há a ocorrência de jogadas transeitoriais das quais as mobilizações tendem a ser mais portadoras; 2) a *abertura dos espaços de confronto* com uma forte mobilidade de pautas que passam a ser elementos importantes para as táticas dos atores e a eficácia dos recursos localizados no jogo e nos setores; e 3) a *evasão dos cálculos* que ocasiona a diminuição da autorreferência dos atores (DOBRY, 2014, p. 106-108). A dessetorização, sob esses três aspectos, que marca determinado fenômeno de crise política enquanto puramente *conjuntural*.

Concomitantemente aos processos de dessetorização segue-se um momento de *incerteza estrutural* onde os cálculos dos atores passam a enfrentar dificuldades. Ele corresponde a um *estado particular das estruturas e das relações sociais* no qual ocorrem bruscas perdas de objetivação das relações setoriais. Decerto, com a dessetorização conjuntural do espaço social e a abertura dos sítios de confronto, assistimos a uma emergência tendencial da formação de contextos de *interdependência alargada*. As propriedades dadas por esses contextos de interdependência alargada comandam a inteligibilidade de um grande número de problemas ou dilemas que se impõem aos atores nas conjunturas críticas. Isso constituirá, para o autor, a chave teórica dos aspectos táticos das lógicas de situação: as coerções, que em tais contextos, pesam sobre

4 Ver: BOURDIEU, P; ZANOTT-KARP, A. Structuralism and theory of sociological Knowledge. Social Research, Vol. 35, No. 4, Focus—Conservative Approaches in the Human Sciences (WINTER 1968), pp. 681-706.

as percepções, as estimativas, os cálculos e a atividade dos protagonistas dos confrontos constitutivos das crises (DOBRY, 2014, p.135). No limiar desse processo os atores desferem jogadas em formas de jogo por meio dos *sistemas de execução*.

De acordo com Dobry, aos momentos de fluidez ocorrem pelo menos três efeitos emergentes típicos que tendem a diminuir o espaço das possibilidades alargadas: 1) as *soluções institucionais ou ressetorização*, quando a intervenção de procedimentos ou de definições institucionalizadas terá como efeito o de contribuir de maneira significativa para estabilizar o valor dos diversos recursos e das linhas de ação colocadas em funcionamento, isto é, para provocar uma redução sensível da fluidez (DOBRY, 2014, p. 170); 2) a *retração da arena política*, na qual os líderes de um regime e seus adversários estabelecem processos de barganha onde os primeiros julgam com frequência capazes de limitar a influência e até mesmo de controlar inteiramente seus futuros parceiros (DOBRY, 2014, p. 176); e 3) as *estratégias carismáticas* que são entendidas no sentido particular da atestação social da qualificação carismática para oferecer uma saída ou uma solução para a crise (DOBRY, 2014, p. 182).

A teoria da SCP se arrima em uma concepção particular da *diferenciação estrutural das sociedades complexas* que se atesta em torno de uma abordagem relacional das crises políticas explicitando os vários componentes e fatores distintos que fazem parte destes eventos. Neste sentido, a ideia de diferenciação não deve ser vista enquanto resultante de uma concepção funcionalista simples, a qual coloca os fenômenos sociais a partir de um centro onde todas as mobilizações se referenciam a ela. Antes, compreendida como um produto inteiramente histórico e contíguo, em que as relações e clivagens sociais, ou as formas institucionais necessariamente simétricas ou homólogas, se comportam dentro de um espaço de *lógicas de situação*, no qual os atores desferem jogadas. De certa maneira, a pretensão do autor é restituir à dinâmica das crises políticas seu aspecto de conjunturas fluídas, de espaços nos quais as ações multissetoriais guardam relativa interdependência com os esquemas práticos

interiorizados pelos indivíduos, quanto para com a mobilidade desses esquemas. Note-se aqui, uma aproximação fortuita da SCP com a teoria da prática de Pierre Bourdieu, sobretudo ao tornar inteiramente constitutivo do universo das crises políticas a leitura das lógicas de posições, disposições e confiança no *habitus*.

A SCP tem como pretensão dar conta de configurações de fatos, ou as crises políticas, que habitualmente colocamos na categoria dos acontecimentos. Para Dobry, esses são processos muitas vezes repletos de consequências nos quais sempre existe uma tentativa, por parte dos pesquisadores, de apontar os seus resultados, saídas ou efeitos. Sua obra considera abertamente esses fenômenos críticos como objetos de *parte a parte históricos*, não necessários e habitados pelo acaso. Isso não significa, que em face de sua interpretação nega-se a historicidade acerca de cada crise. Os fenômenos de crise política são fenômenos críticos contíguos que se observam nos sistemas sociais complexos que se tornam inteligíveis em seus traços essenciais desde que pensamos em termos de *dessestorização tendencial do espaço social* desses sistemas. Isto é, uma transformação conjuntural do estado dos sistemas sociais concernidos, transformação esta que revela a plasticidade da estrutura destes.

O livro de Dobry é uma obra necessária e importante para o conjunto das Ciências Sociais, sobretudo ao se tratar de uma perspectiva relacional das crises políticas que tende dar atenção tanto para a classe de fenômenos conjunturais quanto microsociais. A plasticidade das chamadas conjunturas fluídas nos convida a um exercício intelectual constante e a obra de Dobry nos fornece instrumentos importantes para pensá-las. O fato é que para entender as crises políticas o autor não desqualifica qualquer forma anterior que venha a ter os sistemas sociais complexos. Antes, concebe as crises como elementos que são comuns e corriqueiros aos contextos rotinizados ou estáveis: as conjunturas de crise não teriam como característica abrir aos indivíduos espaços de escolha maiores do que eles se dispõem. Na verdade, a dessestorização do espaço social abre o campo para que os atores possam estabelecer e desferir jogadas de acordo com diversos quadros interpretativos de ação. Apesar de sua perspectiva buscar fugir do

funcionalismo clássico, ela ainda se esvanece no campo do estrutural-funcionalismo ao propor um entendimento da dinâmica das crises a partir de um postulado contido na teoria dos campos de Bourdieu. Entretanto, o interessante sobre seu trabalho é que ele desestabiliza nossas presunções teóricas e analíticas ao estudar as crises políticas tornando mais complexo o tema das mobilizações multissetoriais.